



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RAFAELE DA SILVA BERNARDO

**DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE DO
ALUNO A PARTIR DA LITERATURA
INFANTIL**



Rio Claro - SP
2022

RAFAELE DA SILVA BERNARDO

**DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE DO ALUNO A PARTIR
DA LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flavia Medeiros Sarti

Coorientador: Prof. Dr. Abel Gustavo Garay González

Rio Claro - SP

2022

B523d	<p>Bernardo, Rafele da Silva</p> <p>Desenvolvimento da oralidade do aluno a partir da literatura infantil / Rafele da Silva Bernardo. -- Rio Claro, 2022 40 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biotecnologia, Rio Claro</p> <p>Orientadora: Flavia Medeiros Sarti Coorientador: Abel Gustavo Garay González</p> <p>1. Oralidade. 2. Literatura Infantil. 3. Fábula. 4. Ensino Fundamental. 5. Autonomia. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biotecnologia, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RAFAELE DA SILVA BERNARDO

DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE DO ALUNO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Flavia Medeiros Sarti (orientador)

Prof. Dr. Abel Gustavo Garay González (coorientador)

Prof^a. Dr^a. Joyce Mary Adam

Prof^a. Dr^a. Regiane Helena Bertagna

Aprovado em: 07 de outubro de 2022

Rafaele da Silva Bernardo

Assinatura do discente



Assinatura do(a) coorientador(a)



Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, especialmente minha mãe, que tem me apoiado durante esses anos de graduação e é quem me encoraja em todos os momentos.

Ao meu coorientador e também professor Abel Garay González, que primeiramente aumentou meu interesse pela Literatura Infantil através de suas aulas, e também por auxiliar meu trabalho, pelo conhecimento que me proporcionou, pelas sugestões, correções e acima de tudo, pela confiança em mim e em minha pesquisa.

À minha orientadora Flávia Sarti por incentivar e estimular o desenvolvimento do meu trabalho desde que fiz o convite.

À minha amiga e dupla de turma Beatriz Santiago, que me ajudou e esteve comigo desde o início do curso, mesmo nos momentos em que estávamos distantes, em cidades diferentes, a parceria era a mesma.

E por fim, aos meus professores de graduação, que me ensinaram muito e contribuíram para que eu construísse minha trajetória até aqui.

[...] cada um de nós tem de saber usar uma boa linguagem para desempenhar o seu papel de indivíduo humano, e membro de uma sociedade humana. Não se pode admitir que um instrumento tão essencial seja mal conhecido e mal manejado (JÚNIOR,1977, p. 12).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de promover um estudo sobre a oralidade em sala de aula, destacando a importância dessa atividade como um instrumento de comunicação para a criança, formação de sua consciência crítica, ampliação do conhecimento e socialização. Busca investigar por meio da pesquisa bibliográfica como a linguagem oral é trabalhada e é notório que seu ensino ocorre de maneira limitada e superficial, se comparado à leitura e escrita, onde se dá maior atenção. Dessa forma, propôs-se uma pesquisa bibliográfica aprofundada, a partir de artigos, dissertações, teses, livros e demais obras encontradas no Google Acadêmico, que tratam sobre esse tema e as diversas atividades que podem ser realizadas com o intuito de desenvolver a oralidade dos alunos do Ensino Fundamental, para que possam atuar em diferentes situações comunicativas, interagir, se expressar bem, criticar e intervir ativamente na sociedade. Existem inúmeras alternativas para trabalhar a oralidade. A fábula, gênero integrante da Literatura Infantil, foi escolhida como objeto de análise, pois apresenta-se como uma rica possibilidade para os estudantes aprenderem e desenvolverem suas habilidades no que diz respeito à linguagem falada.

Palavras-chave: Oralidade; Literatura Infantil; Fábula; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to promote a study on the importance of the classroom, highlighting its importance as an instrument of critical awareness for the child, informed of knowledge and socialization. It seeks to investigate through bibliographic research how oral language is worked, and it is notorious that its way is limited and superficial, compared to reading and writing, where attention is paid. From research, books, and comprehensive studies that can be presented with the orality development of Elementary School articles, so that they can act in communicative situations, interact, express themselves actively well, criticize and intervene in society. There are numerous alternatives for working orality. The fable, constituting the genre of Children's Literature, was chosen as the object of analysis, because presents itself as a rich possibility for students to learn and develop their skills with regard to spoken language.

Keywords: Orality; Children's literature; Fable; Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	8
2 OBJETIVOS.....	9
SEÇÃO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1 A importância da oralidade.....	12
1.2 A Literatura Infantil.....	16
1.3 O gênero fábula.....	19
SEÇÃO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
SEÇÃO 3 - IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO.....	28
3.1 Proposta significativa de ensino.....	28
3.2 Necessidade de repensar a educação.....	29
3.3 Escuta sensível, papel do professor e protagonismo do aluno.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

As principais motivações para a escolha do tema da oralidade remetem aos poucos estudos que existem acerca dela, sendo que é um assunto de imensa importância e que deveria ser mais explorado em todas as etapas da educação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa comprovam essa afirmação ao destacarem a linguagem oral como um dos eixos básicos de ensino, além de ser fundamental para a aprendizagem dos indivíduos, uma possibilidade de os estudantes adquirirem “conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade” (BRASIL, 1997, p.8).

Outro motivo para o interesse pelo respectivo tema foi devido ao escasso contato que tive com a oralidade durante o Ensino Fundamental, onde priorizavam o ensino de leitura e escrita. É preciso que a escola dê maior atenção para esse conceito, explorando-o em sala de aula, uma vez que, um trabalho intencional com a Literatura Infantil apresenta-se como um caminho para o desenvolvimento amplo da criança: do pensamento, autonomia, criticidade, reflexão, e em especial, a oralidade.

A oralidade é um aspecto fundamental da vida, uma vez que, por meio dela é possível socializar, se comunicar e construir conhecimento. É extremamente importante que a oralidade seja entendida e explorada nas escolas, pois é função da instituição escolar ensinar aos alunos como utilizarem a linguagem oral em diferentes situações comunicativas e ingressarem nas mais diversas práticas sociais. O problema é que a oralidade é pouco trabalhada em comparação à leitura e escrita, já que ainda prevalece uma visão errônea de que a linguagem oral se aprende em casa e na escola se aprende a ler e escrever. Essa crença dificulta o trabalho com a linguagem oral, como se não fosse matéria e modalidade a ser trabalhada na sala de aula, ou seja, a oralidade é, muitas vezes, tratada como inata, um dom que já nasce com o indivíduo, e quem não a possui, também não desenvolve-a na escola.

É indiscutível que a criança já sabe falar quando chega à escola, é a forma que ela utiliza para se comunicar e muito antes de falar fluentemente, ela pede, expressa sentimentos. Entretanto, a questão aqui não diz respeito somente a “ensinar a falar”, mas oportunizar que os estudantes conheçam os múltiplos usos da fala, entendam sua importância e possam se adaptar às mais variadas situações comunicativas. Conforme afirma Dias (2001, p.36): “não se trata, simplesmente, de

ensinar a criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações.” Em suma, deve haver um trabalho sistematizado por trás da oralidade, com intencionalidade e objetivo. Para exemplificar, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1998, p. 67- 68).

Diante disso, percebe-se que a escola tem a função de trabalhar a oralidade, considerando seu caráter formal. O intuito da pesquisa que se segue é justamente apresentar algumas formas de desenvolver esse trabalho de maneira significativa e a Literatura Infantil foi a alternativa escolhida para tal.

Nesse sentido, a questão principal a ser analisada na pesquisa é "por que a oralidade é pouco trabalhada e quais formas de desenvolvê-la em sala de aula?" Isso ocorre desde os documentos curriculares, que apresentam o tema de forma muito escassa, além da formação de professores, onde pouco se trata sobre o assunto.

Os objetivos estão delineados desta forma:

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar, em fontes bibliográficas, a importância da oralidade e as formas de desenvolvê-la em sala de aula por meio da Literatura Infantil.

Objetivos específicos

- Analisar, em fontes bibliográficas, a importância da linguagem oral para o desenvolvimento da criança;
- Identificar atividades que promovam o desenvolvimento da oralidade a partir

da Literatura Infantil para crianças do Ensino Fundamental, especificamente o 3º ano.

- Destacar os benefícios do trabalho com as fábulas como alternativa para desenvolver a oralidade.

A pesquisa está dividida em três seções. A primeira seção diz respeito a Fundamentação Teórica e estão apresentados os autores e obras que serviram de base para desenvolver as ideias do trabalho. Essa seção ainda está subdividida em três itens: "A importância da Oralidade", "A Literatura Infantil" e "O gênero fábula". No primeiro subitem "A importância da Oralidade" está descrito o quão importante é a linguagem oral e que ela deve ser sim ensinada na escola, pois possibilita que a criança vivencie diferentes situações comunicativas e aprenda a se expressar bem desde pequena. O segundo subitem apresenta a Literatura Infantil como uma ferramenta para desenvolver a oralidade. Além disso, ressalta a importância de apreciar um livro, de ler por prazer, entender a história lida e falar sobre ela e não simplesmente ler por ler, sem intencionalidade.

A noção de infância e literatura voltada para as crianças são conquistas recentes e importantes, pois possibilitaram a inclusão do público infantil e a transformação da sociedade. Sendo assim, vale a pena desenvolver um trabalho significativo nessa perspectiva da literatura infantil. Por fim, no terceiro subitem "O gênero fábula", estão descritas as possibilidades que a fábula, gênero integrante da Literatura Infantil, oferece para desenvolver a oralidade do aluno do Ensino Fundamental I, especialmente o 3º ano. Ainda, optou-se por fazer um breve contexto histórico sobre esse gênero, tão antigo, importante e presente até os dias de hoje nas escolas.

A segunda seção refere-se à metodologia utilizada na pesquisa, a abordagem, os principais autores, livros e obras utilizados como referência. Ademais, estão detalhados os passos da pesquisa, os sites em que foram pesquisados, de que forma foi colocado na barra de pesquisa e quais palavras chaves foram digitadas na hora da busca.

A terceira e última seção intitulada "Implicações na Educação" é referente às contribuições da presente pesquisa nas práticas pedagógicas em sala de aula e os benefícios que o referido tema traz para promover uma educação de qualidade, que tenha o aluno como um ser participativo, comunicativo, consciente e crítico.

SEÇÃO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A importância da oralidade

Apesar do ensino da oralidade estar prescrito nas legislações brasileiras e demais documentos (ainda que de forma muito limitada), como Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Currículo Paulista, por exemplo, a oralidade geralmente é deixada de lado, pouco trabalhada ou até mesmo trabalhada de forma superficial nas aulas. A sociedade dá muito mais relevância aos aspectos do letramento do que à linguagem oral. Na Educação Infantil, a oralidade é bastante valorizada, exemplo disso é a importância desse tema apontada pelo Referencial Nacional da Educação Infantil:

A ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral. Portanto, eleger a linguagem oral como conteúdo exige o planejamento da ação pedagógica de forma a criar situações de fala, escuta e compreensão da linguagem (BRASIL, 1998, p. 134).

Porém, à medida em que a criança vai crescendo, se inserindo no Ensino Fundamental e começando o processo de alfabetização, ela deixa de ser explorada como deveria ser.

A oralidade é evitada, e raramente é considerada, muito menos valorizada, como um recurso onde a autoria pode instalar-se. Por outro lado, as leituras parafrásticas que predominam na escola colocam os alunos na posição de sujeitos enunciativos que devem repetir o discurso escolar, mas quase nunca na de autores, responsáveis pelos seus textos. A parafrase, ou cópia, predomina, e mesmo em escolas mais inovadoras, quando há lugar para a autoria, muitas vezes não há legitimação, porque os discursos produzidos na escola quase nunca circulam para o lado de fora daquela instituição. (TFOUNI, 2011, p. 19)

Isso é prejudicial para a comunicação, além de impedir o desenvolvimento da consciência crítica da criança. Dessa forma, visto toda a sua importância, é preciso estabelecer um trabalho com a oralidade em todas as etapas da educação, em

especial, no Ensino Fundamental, que é o período em que a criança está se tornando mais autônoma, propício para estimular sua consciência crítica, consciência ética, habilidades para questionar, debater e se colocar, exercendo seu papel ativo na sala de aula e na sociedade.

Vale ressaltar que a intenção não é hierarquizar a oralidade como foco principal, mas considerar que tanto a fala, quanto a leitura e escrita são essenciais e nenhuma deveria se sobressair, como acontece normalmente. Mas já que justamente a oralidade que é rejeitada e como há poucos estudos sobre o assunto, a pesquisa centrou-se em destacar sua importância, visto que a importância das demais já está nitidamente explícita. A BNCC propõe algumas habilidades que os estudantes de 3° a 5° ano precisam desenvolver em relação à oralidade. Dentre elas estão a capacidade de se expressar com clareza, boa articulação e tom de voz adequado, saber ouvir com atenção quando o outro fala e formular questões para compreender melhor o tema quando for necessário, apresentar suas opiniões, expor experiências, e outros aspectos.

A linguagem oral é fundamental na vida dos indivíduos. Por meio dela é possível se comunicar, organizar o pensamento e interagir na sociedade. A partir de estudos baseados nas ideias de Vygotsky, Freitas afirma que:

A linguagem foi uma preocupação central para Vygotsky, desde os seus anos de formação. Estudou-a e deu a ela um lugar destacado em sua teoria, abordando-a não como um sistema linguístico de estrutura abstrata, mas em seu aspecto funcional, psicológico. Interessava-lhe estudar a linguagem como constituidora do sujeito, portanto, focar em seus estudos a relação pensamento-linguagem. (FREITAS, 1995, p. 92)

Vygotsky (1998) desenvolveu muitos estudos acerca da linguagem e sua importância para o desenvolvimento amplo da criança, além de ser uma forma de exteriorizar o pensamento. Para o autor, é a partir das interações que a criança desenvolve a sua oralidade, não simplesmente pela repetição, memorização, mas um espaço repleto de possibilidades onde elas possam interagir e socializar com outras pessoas:

A linguagem tem como objetivo principal a comunicação sendo socialmente construída e transmitida culturalmente. Portanto, o sentido da palavra instaura-se no contexto, aparece no diálogo e

altera-se historicamente produzindo formas linguísticas e atos sociais. A transmissão racional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho. (VYGOTSKY, 1998, p. 7)

A linguagem humana é um instrumento de comunicação e, como instrumento, ela foi criada como resultado da sua atividade. A linguagem possibilita ao ser humano exteriorizar o seu próprio pensamento e, desta forma, ela se faz presente e cognoscível para todos. A fala tem um destaque especial na visão de Vygotsky (1998) porque possibilita ao ser humano a transmissão dos elementos culturais criados pelo trabalho humano.

Dessa forma, Buosi (2009) ressalta a apropriação da linguagem como essencial para o desenvolvimento humano, destacando que a aquisição desta "habilidade especificamente humana fornece às crianças habilidades de lidar com situações-problemas e planejarem situações futuras." Algumas concepções tradicionais e tecnicistas apontam que não cabe à escola ensinar o estudante a falar, uma vez que essa habilidade é adquirida em casa, com a família. Entretanto, essa visão reduz a oralidade à fala do dia-a-dia, sem considerar as formalidades que existem na linguagem. Nesse sentido, é papel da escola ensinar a criança a utilizar a linguagem em diversas situações e saber se comunicar de diferentes maneiras.

Schneuwly (2004) partilha desse pensamento, uma vez que, para ele a fala pode ser utilizada em diferentes ambientes, especialmente nos mais formais, mas também na vida social, relações pessoais e outras situações informais.

A eficiente trajetória de ouvir, entender e falar, construída pela criança na aquisição da linguagem oral, frequentemente é ignorada na escolarização e se instala um processo de ensino que desconsidera o que a criança já sabe sobre sua língua e sobre o mundo e a forma ativa como ela aprendeu esta língua, ressalta Golbert (1988, p.108).

Baseado em estudos de Goodman (1987), tanto a linguagem oral quanto a escrita possuem uma gramática própria. Ambas têm as suas formalidades e regras. O que as diferencia são as circunstâncias de uso. Os dois processos, segundo o autor, são significativos e influenciam o pensamento e a linguagem. Por isso, falar, escutar, escrever e ler são considerados processos psicolinguísticos, nesse sentido, trabalhá-los em consonância é imprescindível. Sabe-se que há diferenças entre o oral e o escrito, não se pode desconsiderar suas especificidades, porém, assim

como aponta Pinto (2001), é preferível enfatizar as relações existentes entre eles, enxergando uma continuidade nessas formas de linguagem.

Não obstante, a criança necessita de uma consciência fonológica, isto é, reconhecer que o discurso se compõe por fonemas, unidades sonoras e que estes podem representar-se graficamente. Entretanto, é importante compreender que essa consciência não acontece de uma hora para outra na mente da criança, mas a partir do desenvolvimento e amadurecimento biológico, conforme a criança vai interagindo no meio social e adquirindo conhecimento, assim como afirma Cielo (2001).

Ramos (2003) pontua que quanto mais completo o conhecimento da língua oral, mais habilidades para a leitura e escrita os indivíduos terão. Somado a isso, desenvolver a consciência fonológica também facilitará a aprendizagem. Vale considerar que a oralidade não deve ser encarada simplesmente como um caminho para alcançar a fluência em leitura e escrita, mas como uma alternativa que contém inúmeras possibilidades para o desenvolvimento amplo da criança. É indispensável um olhar mais detalhado para a linguagem oral, de maneira significativa, jamais mecanicista. Reconhecer que a oralidade possui formalidades, mas não trabalhar isso de forma automática, sem significado.

Para fundamentar essa afirmativa, Slama-Cazacu (1979, p.82) ressalta: “na escola, os hábitos linguísticos da criança, sua tendência a ‘refletir’ sobre a língua, sua maneira pessoal de construir as mensagens são bruscamente transformados por regras que ela deve aprender mais ou menos mecanicamente.” E essa não é nem de perto, a intenção, mas sim propiciar um trabalho significativo com a criança.

É importante salientar que em qualquer processo de ensino e aprendizagem é necessário ter respeito. Sendo assim, ao trabalhar com a oralidade é preciso respeitar a especificidade e ritmos de cada criança, para que elas não se sintam constrangidas, pressionadas ou com receio de falar em público. Desenvolver a linguagem oral exige tempo, além disso, é comum na sala de aula alunos que são mais extrovertidos, enquanto há outros mais tímidos. O educador é quem vai identificar o perfil de cada aluno para prosseguir dali por diante, atendendo às suas necessidades. Ampliar e desenvolver o conhecimento em linguagem oral é um processo constante e fundamental para os indivíduos, conhecimentos estes que levarão para a vida toda.

1.2 A Literatura Infantil

Para desenvolver a oralidade em sala de aula, a Literatura Infantil é uma alternativa bastante interessante. A seguir serão destacadas algumas contribuições que fazem desse tipo de literatura um elemento primordial. Primeiramente, os gêneros literários são muito trabalhados durante o Ensino Fundamental, a Literatura Infantil como um todo, é um instrumento para despertar o gosto pela leitura, contudo, tem cunho pedagógico, uma vez que, é uma forma de ampliar o conhecimento, as emoções e a imaginação. Através dela, a criança aprende de forma atraente, mas mais do que isso, torna-se capaz de refletir, formar sua consciência crítica, conhecer e compreender o mundo em que vive, transformar sua realidade e enriquecer culturalmente. De acordo com Coelho:

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor ao qual se destina [...] e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver. (COELHO, 2000, p. 141).

A imaginação é uma forma criativa de desenvolver o ser humano. Só o ser humano pode imaginar e a imaginação é fundamental na atividade intencional do ser. Ainda de acordo com a autora, “Nessa situação o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário se transforma em um ato de aprendizagem” (COELHO, 2003, p. 31).

Para Zilberman (2009), em citação por Fernandes (2010), a leitura precisa ter intuítos escolares, mas deve ser abrangente, não deixando de lado a questão da diversão. Para aprender é preciso atenção e desejo, pois se a leitura for trabalhada de maneira inadequada, ao invés de proporcionar uma boa relação da criança com o livro, poderá traumatizá-la.

Ademais, é necessário que a escolha das obras literárias seja feita de maneira cautelosa, selecionando aquelas que estejam adequadas a cada fase de desenvolvimento e faixa etária da criança, além de despertarem o interesse e curiosidade do leitor. Coelho (2003) classifica o perfil leitor da criança em etapas. Na faixa etária de 8 a 9 anos, fase em que centrará o foco desta pesquisa (importante ressaltar que as afirmações são baseadas nas leituras feitas durante o projeto, pois

não será feita pesquisa de campo), o indivíduo é classificado como leitor em processo, sendo assim, as histórias apresentadas a eles devem conter trechos curtos, desafiadores, que estimulem a investigação e reflexão, além de ilustrações que chamem a atenção da criança.

Coelho (2000) ainda afirma que a literatura infantil se destina aos leitores que estão em formação ou passando pela aprendizagem inicial da vida. Ela possui caráter pedagógico e lúdico, mas muitas vezes tais conteúdos interessam a diferentes faixas etárias, não somente às crianças.

A literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, p. 27).

Grande parte das vezes, a literatura infantil aparece na vida das crianças desde muito cedo e geralmente fora do ambiente escolar. Dizer que a literatura infantil tem caráter pedagógico significa que é uma ferramenta de aprendizagem para a criança, mas ao mesmo tempo, possui caráter lúdico, isto é, traz prazer para o leitor. Sendo assim, a criança aprende de forma prazerosa, divertida e significativa. O contato e experiências com livros se iniciam quando a criança ainda é muito pequena. Esse primeiro contato com a literatura pode ocorrer enquanto a criança ouve histórias.

Nas escolas, especialmente as de Ensino Fundamental I, que será objeto de estudo aqui, é papel do professor apresentar formalmente a literatura infantil aos alunos. Esse trabalho deve ser sistematicamente organizado de forma que se caracterize como trabalho pedagógico, isto é, muito diferente do contato e conhecimento de literatura que a criança já traz quando inicia sua vida escolar, que foram adquiridos por meio de suas vivências cotidianas e familiares.

Segundo Libâneo:

O ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos. (LIBÂNEO, 1994, p. 56)

Inicialmente, não havia a concepção de infância, e a Literatura no geral,

surgiu destinada aos adultos. Pode-se dizer então, de acordo com Zilberman (2003), que a Literatura Infantil é uma conquista recente e sofreu muitas mudanças ao longo do tempo. As primeiras obras voltadas para o público infantil foram publicadas no final do século XVII e durante o século XVIII. A não existência desse gênero antes desse período se deve ao fato de que, até então, não existia uma preocupação especial com a infância. Hoje, sabe-se que são inúmeras as contribuições desse tipo de literatura para o desenvolvimento da criança. Estimula o desejo pela leitura, aprimora a escrita, aumenta a criatividade e curiosidade, mas o que pouco se sabe são os benefícios dela para a ampliação da oralidade dos pequenos.

Segundo Abramovich (1991), a literatura é muito importante e há muito o que analisar e discutir em uma história lida: se é interessante ou não, se o autor repete as ideias, se o ritmo da história é rápido ou lento, se a história tem conexão, se é confusa, se foi bem escrita, como agiam os personagens, além disso, conforme dito pela autora "[...] e tanta coisa mais, que foi percebida pelo leitor e que merece ser discutida..." (ABRAMOVICH, 1991, pg. 144)

É de suma importância despertar esse espírito crítico na criança, para que ela exercite sua oralidade, mas também enxergue a complexidade e riqueza de um livro. Após a leitura, é viável que os estudantes tenham oportunidade de trocar opiniões com os colegas, compartilhar os gostos, entender que não precisa haver unanimidade de opinião, mas o importante é respeitar o ponto de vista dos outros, ainda que diferentes dos seus. Porém, vale ressaltar que essas atividades não devem ser feitas de maneira a corresponder às expectativas do professor, mas de forma a estimular o gosto pela leitura, a importância de falar e opinar, e desenvolver a criticidade, pois: "Literatura é arte, literatura é prazer... Que a escola encampe esse lado. É apreciar-se - e isso inclui criticar..." (ABRAMOVICH, 1991, p. 148).

A literatura, por sua vez, "deverá fazer pensar, questionar, decifrar e interrogar e, depois de nos exigir algum esforço, nos fará sair dela diferentes, transformados de alguma forma. E para nos transformar, deverá nos atrair, viver dentro de nós" (BORBA, 2006, p. 111).

É necessário quebrar o paradigma de incentivar a ler só por ler, sem intencionalidade, só porque a escola exige, só porque há cobrança, e mostrar para a criança que o livro é um passaporte para a descoberta, criatividade, consciência crítica e crescimento pessoal.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do 3º e 4º ciclos, atentam para

a importância dos diversos gêneros literários na educação:

Além dos novos conteúdos a serem apresentados, a frequência a diferentes textos de diferentes gêneros é essencial para que o aluno construa os diversos conceitos e procedimentos envolvidos na recepção e produção de cada um deles. Dessa forma, a reapresentação dos conteúdos é, mais do que inevitável, necessária, e a ela devem corresponder sucessivos aprofundamentos, tanto no que diz respeito aos gêneros textuais privilegiados quanto aos conteúdos referentes às dimensões discursiva e linguística que serão objeto de reflexão (BRASIL. MEC, 1997, p. 66).

A literatura infantil, nesse sentido, traz em sua tipologia: a fábula, a parábola, a lenda, os contos de fadas, entre outros, que fazem parte dos gêneros orais e escritos. Tendo como foco o 3º ano do Ensino Fundamental, embora esse trabalho possa ser aplicado em todos os níveis de escolaridade, o gênero fábula que é característico do ano em questão, possibilita desenvolver a linguagem oral e foi o gênero escolhido e trabalhado na presente pesquisa.

1.3 O gênero fábula

O gênero fábula, por sua vez, como integrante da Literatura Infantil, apresenta-se como uma excelente ferramenta para desenvolver as diferentes habilidades do indivíduo, em especial as orais. Segundo Dezotti:

[...] fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer. Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, exortar, etc (DEZOTTI, 2018, p. 24).

Considerando essas afirmações e as etapas trazidas por Coelho (2003), a fábula é uma grande alternativa para desenvolver a oralidade em crianças do Ensino Fundamental.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 19) “[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.” Sendo assim, o trabalho com esses gêneros desde cedo é essencial para desenvolver na criança a capacidade comunicativa por meio da leitura, além de aumentar seu repertório.

As fábulas, especificamente, são exemplos de gêneros textuais, um dos mais conhecidos e antigos, originadas no Oriente e levadas para o mundo todo. Surgiram com Esopo, um escravo grego que viveu no século VI a.C. Segundo Fernandes (2001), ele foi um dos pioneiros, contando histórias baseadas em animais, que eram os principais protagonistas. Esses animais falavam e agiam como seres humanos e a intenção final era trazer algum tipo de ensinamento para quem estivesse apreciando a história.

Tempos depois, as fábulas de Esopo foram reescritas pelo escravo romano Fedro e mais tarde adaptadas e divulgadas no Ocidente por La Fontaine, reconhecido por sua linguagem mais rebuscada. Atualmente, muitos outros autores são conhecidos por suas fábulas, mas quase sempre inspirados pelos pioneiros aqui mencionados. A fábula, desde sua origem, esteve relacionada à oralidade. Fernandes destaca:

[...] etimologicamente, fábula é uma palavra que deriva do latim, do verbo *fabulare*, e que significa dizer, contar algo. É de *fabulare* que, em português, deriva o verbo falar. Deste pressuposto podemos dizer que, de fato, a fábula é um gênero literário e foi a primeira espécie de narrativa. (FERNANDES, 2008, p. 06).

Além disso, a fábula se caracteriza por ser um texto curto e simples, que desperta a imaginação e nos faz refletir através da moral, isto é, uma lição que é apresentada no final da história, desenvolvendo assim, o caráter questionador e crítico dos leitores. Por esses motivos, a utilização da fábula é fundamental ao se trabalhar com a oralidade, pois o próprio nome do gênero já nos remete à linguagem oral, mas mais do que isso, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica da criança, um dos principais objetivos a ser alcançado por meio desta respectiva pesquisa.

Geralmente, a fábula é organizada em duas partes: a primeira refere-se à história em si, onde os personagens normalmente são animais, como já foi mencionado; e a segunda parte é a moral, que encontra-se explícita no final da história e é mais comum de se ver, ou implícita, isto é, escondida no texto.

De início, a fábula servia para moralizar as pessoas, que por meio das histórias, acreditariam em valores que eram considerados aceitos. Com toda a popularidade desse gênero, até os dias atuais os professores e também as famílias ainda contam essas histórias, com intuito de divertir, educar, construir e despertar

valores. É da fábula que vem essa ideia de busca pela explicação das coisas ou tentativa de encontrar alguma lição, algum ensinamento.

Góes afirma sobre a moral das fábulas:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144.)

Por isso, esse gênero literário é uma das alternativas mais propícias e completas para se trabalhar a oralidade e criticidade do aluno de Ensino Fundamental, pois desde os primórdios as fábulas surgiram no contexto oral e possuem a crítica como principal característica. É uma forma de provocar discussões, desafiar o aluno a questionar e fomentar sua capacidade de análise crítica e também autocrítica, ao rever sua própria postura diante das situações.

Além disso, através desse gênero da literatura, o aluno entende situações da vida real ao mesmo tempo em que se diverte com a história. É, desse modo, um recurso pedagógico riquíssimo para o processo educativo.

Diante das considerações trazidas sobre o uso dos gêneros textuais, mais especificamente as fábulas, e sua importância para a formação e desenvolvimento da criança, em especial de sua oralidade, vale destacar a postura do professor ao trabalhar com esses elementos. Dito isso, tomemos por base as ideias de Libâneo (1994), onde afirma que o trabalho do educador precisa ser estruturado e organizado, uma vez que é uma atividade intencional que visa a aprendizagem de seus alunos. Resumidamente, toda e qualquer prática pedagógica deve ser pensada e planejada, o professor tem papel fundamental nesse processo.

Paulo Freire (2003) partilhava desse pensamento de que o professor deve ter conhecimento daquilo que está executando na sala de aula, além de mediar e auxiliar seus alunos:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser

convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. (FREIRE, 2003, p. 79).

O educador, nesse sentido, atua como um orientador neste projeto com as fábulas, da seguinte forma: sugere que os alunos leiam em voz alta, estimula que falem e recontem a história lida, façam dramatizações, incentive a criança a expor seus pontos de vista e dúvidas, mencionar os personagens com os quais se identificam na história, além do mais, ao invés de apenas lerem passivamente, as crianças exercem papel ativo na sala de aula, discutem sobre a história, compartilham suas opiniões com os colegas, falam sobre o que mudariam na história lida e escutam a opinião dos demais estudantes. Tudo isso fará com que a criança execute a linguagem falada, aprenda a falar melhor, não simplesmente falar por falar, pois o professor deverá corrigir quando necessário, e fazer com que entendam a importância da oralidade não só na escola, mas para toda a vida.

As fábulas, por sua vez, geralmente falam sobre animais com características humanas. Uma ideia é apresentar a história acompanhada de fotos reais desses animais presentes e conversar com a criança sobre eles. Pode-se propor uma roda de conversa para os alunos expressarem oralmente suas impressões, opiniões e curiosidades. Antes de iniciar a história, é interessante perguntar o que as crianças acham que vai acontecer ou o que esperam que aconteça. Fazer isso é exercitar a pedagogia da escuta, conceito trazido por Rinaldi (2012). Segundo a autora, a finalidade da escuta é compartilhar saberes, ajudar a criança a descobrir o sentido do que fazem, o significado das coisas. No ato de escutar existe curiosidade, desejo, dúvida, interesse e sempre há emoção.

Dispor-se a escutar a criança estimula o desenvolvimento de sua autonomia e habilidades para que ela exponha seus conhecimentos. É importante saber ouvir e aprender com as crianças, pois elas têm muito a ensinar. Quando o aluno é ouvido, tem a sensação de pertencimento. A pedagogia da escuta ou escuta sensível como é chamada também, faz com que o aprendiz se sinta participante ativo do processo.

Dessa forma, a fábula não precisa ser uma história somente lida. Muitas outras alternativas fazem com que esse gênero se torne mais significativo e prazeroso para os estudantes, tais como apresentação de vídeos, produção de peças teatrais, contação da história ao ar livre, reconto da história por parte da criança. É interessante propor que as crianças entrevistem os familiares

perguntando as fábulas que conhecem e que mais gostam (proposta de tarefa de casa), pois essa é uma forma de ampliar a comunicação e os laços com a família, que nem sempre são possíveis em outros momentos, além de desenvolver as habilidades orais e aumentar o repertório da criança. Além disso, é papel do professor preparar momentos de revisão sobre o gênero textual trabalhado, lembrando as aulas anteriores, para sondar se as crianças estão realmente aprendendo e as possíveis dificuldades que tenham.

É preciso inovar as práticas de ensino, desconstruindo a visão mecanicista de que os alunos são apenas receptores de conteúdos enquanto os professores são quem detém de todo conhecimento. As crianças têm muito a oferecer, mas é necessário motivá-las a socializar seus saberes, a mostrar sua voz. É papel da escola promover uma prática significativa, que forme não apenas leitores de textos e histórias, mas leitores de mundo, comprometidos com a transformação de sua realidade, conforme acreditava Paulo Freire. O primeiro passo para isso acontecer é desenvolver um trabalho com a oralidade.

É viável salientar que a fábula é apenas uma alternativa para propiciar essa oralidade, afinal, existem infinitos outros gêneros e possibilidades dentro da Literatura Infantil que podem ser considerados. Algo que também é importante deixar claro, é que a oralidade, embora seja mais abordada na disciplina de Língua Portuguesa, também pode ser trabalhada de maneira interdisciplinar, com intencionalidade, envolvendo outras áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade busca fatos da vida pessoal, social e cultural do aluno, e isso vem de encontro com a teoria de Vygotsky. É por meio da interação social que o indivíduo aprende e constrói seu aprendizado. O conceito de interdisciplinaridade de acordo com Vilela e Mendes:

A interdisciplinaridade é considerada uma inter-relação e interação entre as disciplinas a fim de atingir um objetivo comum. Nesse caso, ocorre uma unificação conceitual dos métodos e estruturas em que as potencialidades das disciplinas são exploradas e ampliadas. Estabelece-se uma interdependência entre as disciplinas, busca-se o diálogo com outras formas de conhecimento e com outras metodologias, com objetivo de construir um novo conhecimento. Dessa maneira a interdisciplinaridade se apresenta como resposta à diversidade, à complexidade e à dinâmica do mundo atual (VILELA E MENDES, 2003, p. 529 apud JÚNIOR et al., 2008, p. 22).

Trabalhar de forma interdisciplinar, contudo, baseia-se em contextualizar as

diferentes disciplinas, desfragmentando-as, de forma que faça sentido para o aluno.

As habilidades de comunicação, clareza de ideias, consciência crítica, reflexão e debate que se espera aqui, podem ser incentivadas e desenvolvidas nas mais diferentes áreas do conhecimento e disciplinas.

SEÇÃO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica a partir da leitura de artigos, livros e documentos que abordam a temática da oralidade, aspecto principal de análise, somado a alguns autores da área de Literatura Infantil, que é o instrumento escolhido e utilizado para desenvolver a linguagem oral de crianças na escola. Pesquisas desenvolvidas com base no gênero fábula também foram objeto de estudo utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. Sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2002) afirma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Ainda, de acordo com Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

É, desse modo, muito importante pois apresenta a base teórica da pesquisa, além de ser um caminho indispensável para um trabalho de qualidade e ética.

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Diante disso, propôs-se a investigar como se dá o trabalho com a oralidade na educação, ao mesmo tempo em que sugere atividades pedagógicas que possam ser

aplicadas por professores do Ensino Fundamental a fim de estimular e aprofundar esse tema.

Além disso, a pesquisa desenvolvida tem abordagem qualitativa, com caráter crítico, baseada na análise de obras de diferentes autores, com intuito de conhecer e se aperfeiçoar mais no assunto, além de obter riqueza de dados a partir das análises feitas, trazendo assim, um maior entendimento sobre o que está sendo estudado, que é uma das características desse tipo de pesquisa. De acordo com Creswel (2007, p. 186), a abordagem qualitativa advém da fonte direta dos dados e tem o pesquisador como instrumento principal. Os dados coletados são descritivos e o processo percorrido é mais importante do que o produto final. Nessa perspectiva, destaca Bogdan (1982 apud TRIVIÑOS, 1987):

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...]. (BOGDAN, 1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130)

Para tanto, foram analisados alguns teóricos, dentre eles estão Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira Andrade e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, na obra "Oralidade e escrita: Perspectivas para o ensino de língua materna", as contribuições de Vygotsky acerca do pensamento e linguagem, Nelly Novaes Coelho, no livro "Literatura Infantil: teoria, análise, didática", Regina Zilberman em "A literatura infantil na escola", Fanny Abramovich em seu livro "Literatura infantil: gostosuras e bobices", além de outros autores com foco nestes respectivos temas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular foram objeto de análise também.

Os livros, artigos e demais obras utilizadas, foram encontrados mediante pesquisa no Google Acadêmico e Scielo, sob os títulos "Oralidade e Ensino Fundamental", "Importância da Oralidade para o desenvolvimento da criança", "Contribuições da Literatura Infantil para o Ensino Fundamental", "Linguagem Oral", "Gêneros Literários", "Fábula", além de diversos outros. Textos, livros e documentos trabalhados durante as disciplinas ao longo de minha formação em Pedagogia serviram de base para a pesquisa também.

A pesquisa começou a ser pensada em dezembro de 2021 e a partir daí, começou-se a busca pelos materiais que seriam utilizados. Os oito meses seguintes foram dedicados à seleção das obras, leitura, estudo aprofundado sobre o tema e organização do trabalho.

Não foram encontradas muitas dificuldades durante a busca de materiais, porém, poucos artigos e obras traziam o gênero fábula como alternativa para se trabalhar a oralidade. A maioria dos materiais encontrados se referiam à Literatura Infantil, fábula e linguagem oral de maneira isolada e as conexões entre esses temas foram feitas ao longo das leituras realizadas e também a partir das poucas fontes bibliográficas encontradas que tratavam do tema de forma completa e interligada. Sendo assim, por conta dos poucos estudos existentes sobre essa temática, se faz necessário uma atenção maior para ela.

Os critérios utilizados para a escolha das obras referem-se à importância dada à oralidade, o quanto é pouco trabalhada nas escolas, contudo, foram escolhidas as que se relacionavam com essa temática. A maioria das fontes encontradas foram lidas por completo, apenas algumas poucas que foram consideradas somente o resumo, uma vez que não estavam relacionadas com o tema de interesse e por isso, foram desconsideradas. Mas, procurou-se extrair ao máximo alguma relevância de todas as obras encontradas.

O público alvo são, especificamente, alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, que estão se familiarizando com gêneros literários, especialmente as fábulas, alternativa para se trabalhar a linguagem oral de maneira prazerosa e ao mesmo tempo, uma forma de desenvolver a consciência crítica da criança e a capacidade de se expressar bem desde cedo. Para tanto, foram analisadas fontes bibliográficas que tratam dessa faixa etária, já que não optou-se por um trabalho de campo.

SEÇÃO 3 - IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

3.1 Proposta significativa de ensino

Até o final do século XIX e início do século XX, o ensino oferecido às crianças era rígido e padronizado, característicos de uma educação tradicional. A necessidade de superar esse ensino mecânico da escola tradicional fez com que se pensasse em uma nova forma de ensinar e aprender, onde o aluno tivesse participação e postura ativa. Desse modo, o ensino deixa de ser fragmentado e passa a ser desenvolvido de maneira articulada, com propostas mais significativas, considerando as necessidades dos educandos.

Nesse sentido, desenvolver a oralidade do aluno através da literatura infantil é uma das propostas significativas que o educador pode adotar em suas práticas pedagógicas. Conforme ressaltado anteriormente, trabalhar a linguagem oral é papel da escola e contribui para que o estudante aprenda a se comunicar em diferentes situações, se expresse com clareza e amplie sua consciência crítica.

O gênero fábula, característico do Ensino Fundamental I e constituinte da Literatura Infantil, propicia esse trabalho significativo, uma vez que diversas atividades podem ser realizadas a partir desse gênero, tais como relato da história por parte do aluno, exposição de opiniões sobre a história, dramatizações, discussão da história lida, além disso, os estudantes podem compartilhar sobre o que aprenderam com a história, discutir sobre a moral, colocar-se no lugar das personagens, debater junto aos colegas concordando ou discordando, enfim, inúmeras outras possibilidades para que exerçam seu espaço de fala. Esses são apenas alguns exemplos de como tornar o ensino mais interessante para o educando. É válido destacar que o primeiro passo para o professor iniciar um trabalho literário com os alunos é ampliar o seu próprio conhecimento sobre os gêneros, obras e autores que pretende utilizar.

Para Zilberman (2003), a Literatura Infantil é um instrumento que envolve a criança, tornando-a parte do processo pedagógico, no entanto, deve ser desafiadora e estimular a sua postura crítica:

Com efeito, a caracterização da obra literária evidencia o dilema da literatura infantil. Se esta quer ser literatura, precisa integrar-se ao

projeto desafiador próprio a todo o fenômeno artístico. Assim, deverá ser interrogadora das normas em circulação, impulsionando seu leitor a uma postura crítica perante a realidade e dando margem à efetivação dos propósitos da leitura como habilidade humana. Caso contrário, transformar-se-á em objeto pedagógico, transmitindo a seu recebedor convenções instituídas, em vez de estimulá-lo a conhecer a circunstância humana que adotou tais padrões. Debatendo-se entre ser arte ou ser veículo de doutrinação, a literatura infantil revela sua natureza; e sua evolução e seu progresso decorrem de sua inclinação à arte, absorvendo, ainda que lentamente, as contribuições da vanguarda, como se pode constatar no exame da produção brasileira mais recente. (ZILBERMAN, 2003, p. 176).

Percebe-se aqui, a importância da literatura infantil, mas o quanto deve ser bem trabalhada para que não seja apresentada à criança de maneira arbitrária, obrigando-as a lerem, sem explorar qual o sentido disso. Os alunos devem reconhecer a beleza de um livro, devem ler por prazer, para ampliar seu conhecimento e estimular a criticidade.

3.2 Necessidade de repensar a educação

De acordo com Goulart (2007), é importante os educadores vivenciarem locais fora da escola, passeios, visitas a museus, exposições, feiras de livros, bibliotecas públicas da cidade, pois é uma forma de criar oportunidades para a criança conhecer e experienciar novas situações, conversar com outras pessoas, ouvir, ampliar o conhecimento e dialogar. É muito importante que o professor organize esses momentos de interação, que não se limitem ao espaço escolar. Além de aprenderem, os alunos desenvolverão sua oralidade, participarão ativamente e estarão se divertindo. Partindo desse pressuposto, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011) mostra que 75% da população brasileira jamais entraria em uma biblioteca, entretanto, visitar esse local pode ser um passeio interessante e prazeroso para crianças de diferentes faixas etárias.

É necessário inovar as práticas pedagógicas, proporcionar às crianças momentos em que elas possam participar ativamente, opinar, dialogar, descobrir, se sentirem protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. O professor ou a professora têm papel fundamental nisso. Não há mais espaço para práticas de ensino mecanicistas, onde o educador detém de todo o conhecimento enquanto as crianças apenas escutam e recebem passivamente os conteúdos, em silêncio. A

intenção é desenvolver a oralidade dessas crianças para que possam se expressar, questionar, aprender de forma significativa e atraente e além de tudo, para que reconheçam que têm voz e são parte imprescindível na escola. Sobre isso destacam Helm e Beneke (2005):

Se não instigarmos as crianças a pensar, tal fato poderá concretizar-se. Se as crianças não receberem a chance de se tornarem curiosas e de descobrir respostas para suas perguntas, elas não se verão como aprendizes de sucesso, ou não considerarão a escola um lugar em que podem aprender algo interessante ou relevante. Ao final do processo, sua curiosidade intelectual morrerá. (HELM e BENEKE, 2005, p. 14).

Deve-se, desse modo, trabalhar para quebrar o paradigma de aluno passivo e promover uma prática que considere os conhecimentos e necessidades dos estudantes, pois eles têm muito a oferecer e ensinar.

De acordo com Marisa Lajolo (1994), o que se reserva aos educadores é a divulgação de livros, decifração de significados, consumo de textos e conseqüentemente, a alienação. A literatura deveria despertar liberdade e prazer nos leitores, mas não o faz, a começar pelos profissionais da educação, que deveriam ser bons leitores, gostarem de ler, ler muito e se envolver com a leitura, mas não é esse o perfil comum que se encontra. A literatura tornou-se um hábito, uma rotina mecânica e automática, ausente de prazer e significado. Os caminhos devem ser outros e para isso, é preciso que haja espaço para refletir sobre a literatura nos cursos de formação de professores, antes de tudo.

Baseando-se na entrevista de Beatriz Gouveia ao programa Salto para o Futuro, em 2012, a questão da formação não era algo discutido antes dos anos 1990. Mas a partir daí, quando essas discussões ganharam destaque, atribuiu-se ao coordenador pedagógico a função de promover formação inicial e continuada aos professores. As formações, por sua vez, devem ser significativas, isto é, envolver teoria e prática. Além disso, nos espaços de formação, a importância da literatura deve ser enfatizada e apesar desses momentos formativos serem oferecidos pelo coordenador, é a reflexão do próprio professor que fará mudanças acontecerem. Isso significa que ao pensar sobre suas práticas e sobre sua relação com a literatura em sala de aula, os educadores conseguirão enxergar o que precisam fazer para melhorar e transformar seu trabalho. Dessa forma, formando um bom professor, com

uma boa relação com a literatura, este formará também alunos leitores e mais do que isso, bons leitores; e tendo bons leitores, desenvolver um trabalho com a oralidade a partir da literatura, especialmente a infantil, será mais possível.

A finalidade, ao se trabalhar com a linguagem oral, não é o aluno falar por falar, ou falar sem parar, ultrapassando seus professores e colegas, mas sim saber se colocar nos momentos certos, expressar-se com clareza, ter sua voz ouvida e respeitada, além de respeitar a fala dos outros. A escola é o ambiente propício para esses momentos. Um aluno dessa faixa etária de 8 a 9 anos chega na sala de aula sabendo falar, uns falam mais, outros são mais tímidos, mas falam. O papel do educador é propiciar momentos em que as crianças possam desenvolver sua capacidade comunicativa, pensando na conscientização crítica e espírito questionador desses indivíduos. O aluno é um ser pensante e essencial na escola, pois sem ele não há educação, por isso, sua voz deve ser considerada. As crianças são seres ativos e não ingênuos ou incapazes como muitas pessoas ainda acreditam.

Pode ser que muitos professores reclamem que seus alunos não param de falar e não prestam atenção na aula, mas dificilmente esses mesmos professores escutam os seus alunos. Quando uma criança é ouvida, se sente importante e mais interessada, a partir disso, passa a ter mais vontade de aprender e participar mais das aulas. O respeito entre o professor e o aluno, dessa forma, vai sendo construído ao longo do tempo, através desses diálogos em sala de aula.

3.3 Escuta sensível, papel do professor e protagonismo do aluno

Para o autor Jorge Larrosa (2004), muitas coisas se passam, isto é, acontecem em nossos dias, entretanto, a experiência tem se tornado cada vez mais rara, devido ao excesso de informação e opinião, falta de tempo e excesso de trabalho. As pessoas têm acesso a muitas informações, mas não significa sabedoria. Estão imersas em uma sociedade da informação, mas não é uma sociedade do conhecimento e da experiência. As situações são imediatas, superficiais e passageiras, tenta-se dar conta de tudo. Tornou-se rara a experiência de atenção, paciência e paixão com aquilo que se faz.

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe, nos aconteça,

nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se mais nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2004, p.160).

Em síntese, é preciso parar para pensar, olhar, escutar, sentir, observar detalhes, estar atento, abrir a mente, atribuir sentido às ações. Deixar isso claro para o aluno é imprescindível. Ele precisa ver sentido naquilo que faz, no que lê, no que aprende na escola. Em relação ao tema desta pesquisa, os estudantes devem reconhecer a riqueza e possibilidades que um livro pode oferecer, não só porque contribui para desenvolver a leitura e escrita, mas também a oralidade e criticidade, desde que sejam estimulados a isso, e é tarefa do educador fazer esse estímulo.

Carlina Rinaldi (2012) afirma que os professores são a peça chave na articulação do trabalho, pois são vistos como aqueles que têm o fio, que constroem e constituem os entrelaçamentos, como pesquisadores da prática e promotores da conexão.

Segundo Paulo Freire (1991), o papel do professor é promover relações dialógicas de ensino e aprendizagem de forma que o educador, ao passo que ensina, também aprende. Professor e aluno aprendem juntos, de maneira democrática, onde todos podem se expressar.

Nessa perspectiva, Rego (1997) afirma que:

(...) nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. A função que desempenha no contexto escolar é de extrema relevância já que é o elemento mediador das interações entre os alunos e os objetos de conhecimento. As demonstrações, explicações, justificativas, abstrações e questionamentos do professor são fundamentais no processo educativo. Isto não quer dizer que ele deva "dar sempre a resposta pronta". Tão importante quanto seu fornecimento de informações e pistas, é a promoção de situações que incentivem a curiosidade das crianças que possibilitem a troca de informações entre os alunos e que permitam o aprendizado das fontes de acesso ao conhecimento (REGO, 1997, p. 115-116).

Ainda, a função de um professor, de acordo com Rubem Alves (2000) é instigar o aluno a ter vontade de aprender, de abraçar o conhecimento. É nítida a importância de um educador, pois é ele quem tem a tarefa de formar cidadãos com capacidade crítica da realidade, para que possam utilizar o que aprenderam na escola, em suas práticas sociais. Não há humanidade sem professor, e este é antes de tudo um agente humanizador. Nada pode substituir este profissional na construção de uma escola democrática. Entretanto, isso só será possível com a participação ativa dos alunos, que são imprescindíveis para a educação ter sentido, por conta disso, a relação entre professor e aluno deve ser dialógica, já que ambos caminham juntos na produção do conhecimento.

Quando educadores e alunos não se envolvem construindo relações de respeito, cooperação e parceria, reforça-se a alienação. É somente através de uma relação dialógica que o aluno poderá se apropriar do conhecimento e fazer dele uma ferramenta para desenvolver suas potencialidades.

O educador, ainda, deve ter um olhar atento e sensível para os seus alunos, reconhecendo suas necessidades e interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o objetivo de sintetizar, a partir de fontes bibliográficas, a importância do desenvolvimento da oralidade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, a partir da fábula, gênero característico da Literatura Infantil, visto toda a sua importância. Muitas atividades significativas podem ser trabalhadas a partir desse gênero tão antigo e ainda tão popular e buscou-se mencioná-las aqui a fim de impulsionar esse trabalho nas escolas atuais.

Apesar de importante, ainda há poucos estudos sobre esse tema, uma vez que a oralidade é pouco trabalhada e valorizada em comparação à leitura e à escrita. Essa falha possivelmente inicia-se na formação de professores, onde pouco se discute sobre o tema, mas também devido à crença de que a linguagem oral se aprende em casa, no contexto familiar, como se fosse apenas um “aprender a falar”, desconsiderando sua complexidade. A linguagem oral deve sim ser ensinada e é papel da escola fazer esse trabalho. Ensinar e desenvolver a oralidade do aluno significa propiciar que ele possa se comunicar nas mais variadas situações, que aprenda a se expressar bem desde cedo, envolver-se criticamente, desenvolver sua consciência reflexiva, além de dar valor à sua voz, opinião e conhecimento, uma vez que, ele tem muito a ensinar e contribuir em sala de aula. O professor é imprescindível nesse processo e deve estabelecer uma relação dialógica com os educandos.

O educador precisa repensar as práticas que vêm sendo aplicadas, juntamente com demais profissionais da educação, de forma que as aulas se tornem mais significativas para os estudantes. Trazer algo novo e diferente para a criança, ou mesmo, coisas que elas já estão acostumadas como os livros, em especial os livros de fábula, mas de forma divertida, onde elas possam explorar de diversas formas, não de maneira convencional, como acontece normalmente. O gênero fábula apresenta características que possibilitam um trabalho interessante para desenvolver a oralidade da criança e merece uma atenção especial.

O que é diferente interessa muito mais as crianças, ao invés de metodologias tradicionais, onde o professor propõe sempre as mesmas atividades, não inova, não se atualiza. Nem sempre a educação vai ser divertida para todos, afinal, cada indivíduo tem a sua particularidade, nem todos gostam das mesmas coisas e se interessam pelas mesmas coisas. Por isso, é importante trazer algo diferente para

eles, diversas formas de ensinar, pois, certamente cada um vai se identificar com alguma delas.

Ademais, respeitar o processo e o tempo dos alunos, levar seus interesses em consideração, ouvi-los atentamente, promover um ensino colaborativo e que faça sentido para eles, estimular seu papel crítico, destacar o protagonismo e importância que eles têm na escola, estabelecer uma relação dialógica em sala de aula, são elementos indispensáveis para uma educação significativa e de qualidade.

A proposta desta pesquisa é o trabalho com a Literatura Infantil como forma de desenvolver a oralidade, mas muitas outras atividades podem ser trabalhadas a partir da literatura infantil ou mesmo muitas alternativas podem ser feitas por meio da linguagem oral e para desenvolver a linguagem oral. Foram destacadas apenas sugestões, mas o intuito também é contribuir para que mais estudos acerca desses temas sejam desenvolvidos.

Espera-se que os objetivos tenham sido compreendidos, alcançados e que promovam muitas reflexões acerca desse tema tão importante. Que não haja uma hierarquia entre leitura, escrita e oralidade, sendo que os três assuntos são fundamentais para a criança e nenhum deveria se sobressair, como acontece normalmente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Ars Poética, 2000. 93 páginas.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>> Acesso em: 28 set. 2022.

BORBA, Marisa. Literatura e pluralidade cultural. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. 108-111.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Estrangeira: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental / Ministério da Educação Fundamental. Governo Federal, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977

CIELO, Carla Aparecida. **Habilidades em consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001. 144f.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira (1882/1982)**. São Paulo: Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil - Teoria - Análise - Didática**. 12a.ed.

São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. 20ª Ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEZOTTI, Maria Celeste C. A Fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Org). **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DIAS, Ana Maria Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**. Perspectivas para o ensino de língua materna. 7. Ed. São Paulo: Cortez. 2009.

FERNANDES, Ana Mafalda de Almeida. **Da fábula ao imaginário infantil: recepção interpretativa pelas crianças de uma história tradicional**. UdeMIEP. 2008.

FERNANDES, Gilmara de Jesus. **Leitura na Educação Infantil: benefícios e práticas significativas**. Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – Faculdade Cenecista de Capivari, São Paulo, 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Das relações entre a educadora e os educandos**. São Paulo: Olho d'água, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 79 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. São Paulo: Papyrus, 1994.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. **Vygotsky e Bakhtin: psicologia e educação, um intertexto**. São Paulo: Ática, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Lucia Pimentel: **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GOLBERT, Clarissa S. **A evolução psicolinguística e suas implicações na alfabetização: teoria-avaliação-reflexões**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

GOULART, Cecília M. A. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 18, set.-out.-nov.-dez. 2001.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2011.

JÚNIOR, A. B. et al. **A interdisciplinaridade no contexto da inclusão escolar**. São Paulo, v.8, 2008. Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. Disponível em: < <https://goo.gl/Qr27Bt>>. Acesso em: set. 2022.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução: Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: PAIVA, Dionísio, Anjeja; AUXILIADORA, MARIA. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 20-36.

Martins Fontes Editora LTDA, 1998. VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Rego, T. C. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SEMINÁRIO GEPRÁXIS, 8., 2021, Vitória da Conquista. **FOCALIZANDO A ORALIDADE E PROCESSOS DE LETRAMENTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**. Bahia: Gepráxis, 2021. 11 p.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas**. São

Paulo: Pioneira, 1979.

TFOUNI, L. V. **A ESCRITA NO ORAL; O ORAL NA ESCRITA:** ler vozes e ouvir letras. Tocantins: Entreletras, v. 3, 2010. Anual.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais:** o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: ____. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ed. Ática, 1982.